

ESCOLA CAPITALISTA: O USO DO MATERIAL DIDÁTICO E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Jorge Antonio Vieira (UNIPAR)
Ana Carolina Andrade Caobianco (G UNIPAR)
Cristiane Sevilha Buzeli (G UNIPAR)
Daline Bortoloto Ferrari (G UNIPAR)
Lucimar Rosa Cirino Timoteo (G UNIPAR)
Telma Lucia Rigolon (G UNIPAR)
Vanessa Lopes Fernandes (G UNIPAR)

RESUMO: O propósito deste trabalho desenvolvido através de pesquisa bibliográfica é desvelar segundo os pressupostos da teoria Althusseriana o uso do material didático como veículo de transmissão e reprodução da ideologia na escola capitalista, evidenciar a práxis educacional do professor em relação à transmissão dos conteúdos, às avaliações e seu comportamento junto aos alunos e ainda situar a relação escola-aluno e a relação escola-sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: escola, material didático, aluno, sociedade.

ABSTRACT: The purpose of this work developed through bibliographical research is to reveal according to the presuppositions of the theory Althusseriana the use of the didactic material as I transmit of transmission and reproduction of the ideology in the capitalist school, to evidence the teacher's education práxis in relation to the transmission of the contents, to the evaluations and his/her behavior close to the students and still to place the relationship school-student and the relationship school-society.

KEY-WORDS: school, didactic material, student, society.

INTRODUÇÃO

Durante décadas as práticas educacionais são constantemente abordadas e analisadas originando várias teorias que buscam compreender o papel da educação e da instituição escolar e suas relações com a sociedade.

Segundo a abordagem neomarxista do filósofo francês Althusser a escola é um aparelho ideológico de Estado que serve para situar a criança e o jovem como estudantes para que posteriormente assumam suas condições de trabalhadores de um sistema capitalista, determinando desta maneira o cidadão que pretende formar.

Para alcançar seu objetivo de inculcar nos alunos a ideologia hegemônica, a escola utiliza-se de métodos que atuam nas consciências das pessoas afetando seu modo de pensar, sentir e agir aos quais Althusser classifica de violência simbólica.

Os aparelhos ideológicos incutem uma ideologia de dominação sobre os dominados que absorvem o discurso dos dominantes como verdade absoluta, ou seja, os aparelhos ideológicos desde cedo agem sobre o indivíduo modelando-o e preparando-o para viver em sociedade.

Para Althusser a sociedade estrutura-se em modos de produção; Infra - Estrutura ou Base Econômica (é o que determina a sociedade); Super - Estrutura ou ideologia Dominante. A infra-estrutura é a estrutura material da sociedade, ou seja, sua base econômica, e que consiste nas formas pelas quais os homens produzem materialmente os bens necessários à manutenção da vida. É o que Marx denomina as relações sociais de produção (ARANHA, 1989, p. 131). A superestrutura é a estrutura jurídico-política (Estado, o Direito, etc.) e também a estrutura ideológica (isto é, as formas de consciência social). Esta estrutura que está acima da base produtiva produz formas de consciências veiculadas na base da sociedade. A superestrutura consiste nas instituições criada a fim de

organizar as relações entre os homens, assim também como o modo de conceber o mundo. Esta estrutura está expressa nas obras da literatura, filosofia, costumes, concepções políticas, religiosas, etc. (ARANHA, 1989, p. 131).

Mas como é possível que a classe dominada continue fiel aos interesses da classe dominante e não tome atitudes que levem a uma transformação da infra-estrutura? A resposta: isso acontece por causa da ideologia. Pela ideologia a exploração é mascarada e os valores da burguesia passam a ser vistos como universais, válidos para todos, e não como valores de uma classe social. Esta produção do pensamento impede a classe dominada de desenvolver o pensamento próprio e autônomo, isto é uma ideologia própria da classe dominada. Por isso a ideologia, ao atuar como forma de convencimento possui papel importante na reprodução das condições sociais capitalistas e na manutenção da infraestrutura.

Na manutenção da ordem vigente um elemento da superestrutura, que é o Estado, entra em ação utilizando instrumentos, agências, aparelhos para garantir por mais tempo a reprodução das relações sociais capitalistas. O estado utiliza para tal fim seus aparelhos que se tipificam em duas modalidades: aparelhos repressivos e aparelhos ideológicos.

Althusser classifica como aparelhos repressivos do Estado: o Governo; o Exército; a Polícia; os Tribunais; são chamados assim por que funcionam pela violência.

E chama de aparelhos ideológicos do Estado aqueles funcionam atuando sutilmente na consciência das pessoas e não reprimindo com a violência. Assim por exemplo: a Família; a Igreja; a Mídia; os Sindicatos; a Cultura (belas artes, desportos, etc.), sendo o mais importante aparelho ideológico a Escola. (ALTHUSSER, 1985)

A escola faz parte do instrumento mais importante de reprodução das relações de produção capitalista. Ela é o aparelho ideológico mais importante do Estado. Por que?

“Desde a pré-primária, a Escola toma a seu cargo todas as crianças de todas as classes sociais, e inculca-lhes durante anos, os anos em que a criança está mais vulnerável, saberes práticos envolvidos na ideologia dominante”(ALTHUSSER, 1985). Além disso, nenhum aparelho ideológico dispõe durante tanto tempo da audiência obrigatória e ensinamento do saber fazer e do saber comportar-se exigidos pela sociedade capitalista.

Uma grande parte de pessoas cumpre a escolaridade básica e é introduzida no processo produtivo, outra começam a estudar, mas desistem sem concluir sequer as iniciais do segmento básico da educação.

Poucas pessoas atingem o topo da pirâmide escolar, tornando-se no sistema produtivo agentes de exploração, de repressão e de profissionais da ideologia. A escola se insere na sociedade como agência ideológica de produção e reprodução cultural.

A escola ensina e transmite regras de: viver, costumes, dos comportamentos, da divisão social, da consciência moral, cívica e profissional. Ensina a falar, a escrever, a saber, a mandar e a obedecer. Crianças de todas as classes sociais frequentam a escola e a todas são impostos anos a fio os saberes práticos envolvidos na ideologia dominante.

Para Althusser sendo a escola o principal aparelho ideológico da sociedade, não é possível haver qualquer mudança social a partir da educação, e a sociedade cria mecanismos repressivos que garantem a reprodução de suas ideologias e assim surgem escolas onde os alunos são selecionados ao correr dos anos por uma série de critérios: notas, comportamentos, interesse e espírito de estudo entre outros. Enquanto essa seleção se processa, outros alunos são automaticamente excluídos, expulsos pelas mais variadas formas, desde notas até diferentes discriminações, incompatibilidade de horários, uniformes, etc. Nas universidades a discriminação é sutil.

A maioria das instituições públicas funciona em horários incompatíveis com os daqueles que precisam trabalhar. Isto que parece irrelevante constitui o modo normal que a sociedade tem para selecionar os quadros dirigentes do país e estimular o espírito de competitividade entre os estudantes, já que terão que atuar numa sociedade em que a competição e a disputa vão ser acirradas.

A educação escolarizada na medida em que transmite e reproduz conteúdos culturais organiza seu currículo e seu material didático de acordo com os valores da ideologia dominante, realidade constatada pela educadora Maria Filomena Rego que ao analisar 18 livros pedagógicos de 3º e 4º séries conclui haver uma enorme semelhança entre todos, causando a impressão de ter lido um único livro.

A presença dos valores da classe dominante nos livros didáticos pode ser observada na descrição quanto: Às personagens

Às personagens são apresentadas nos textos como modelos que devem ser imitados. Os personagens femininos adultos são sempre apresentados entre quatro paredes (as do lar) e dedicam-se principalmente às atividades domésticas.

As crianças são mostradas no lar ou na escola cumprindo normas estabelecidas pelos adultos.

Às normas:

As relações pessoais nos textos são reduzidas à execução de normas. Propõem uma normalidade restritiva e

só permitem um tipo de manifestação não levando em conta as diferenças individuais.

Quem segue as normas é considerado bom, quem não o faz é considerado mau. Não existem outros critérios para valorar a realidade.

Se a criança se comporta de acordo com as normas estabelecidas é boa e merece ser recompensada; caso contrário, é considerada má e deve ser castigada. É necessário, também, que se reconheça os esforços efetuados pelos pais em seu benefício. A criança deve ser na família um projeto de adulto, e o adulto é um modelo a ser imitado, é na família que a criança se prepara para ser um adulto em um “mundo perigoso”.

A família:

A arquitetura da casa é mostrada através da descrição de espaços amplos e confortáveis, reforçando a imagem do lar tranquilo, seguro, capaz de proporcionar alegria, felicidade e serenidade às pessoas que nele vivem. É o refúgio seguro contra a hostilidade do mundo exterior

Nas famílias dos textos as pessoas são boas, cumprem seus deveres, amam-se. Ali tudo corre sem problemas, dentro da família tudo é paz. O perigo está fora dela, no mundo.

À escola:

É a escola que prepara o indivíduo para desenvolver uma profissão e lhe fornece regras para enfrentar o mundo. Não se fala na divisão desses indivíduos em classes.

Ao índio:

O índio é apresentado como pertencente a uma raça que vivia no Brasil na época do descobrimento, falava uma língua estranha, vivia em tribos, não trabalhava a terra, só caçava e pescava.

Historia do Brasil:

O que parece é que a história é fruto do acaso ou da vontade de uma pessoa e não o resultado de leis universais que podem ser cientificamente estudadas. É uma história recoberta de heróis, há um privilégio na apresentação dos “grandes personagens”, cuja vontade individual parece mais forte do que as condições objetivas que enfrentavam.

À religião:

A divindade e seus representantes, os rituais, as atitudes e os símbolos religiosos que aparecem nos textos são características da religião católica.

Aos valores morais:

Positivos: entre os valores positivos, encontramos, espírito de sacrifício, de dedicação, cumprimento do dever, abnegação, bom comportamento, união, força de vontade, estudo, delicadeza, ordem, habilidade, lealdade, hospitalidade, dignidade, humildade, coragem, audácia, patriotismo (este bastante reforçado), entusiasmo, honra, caráter, amizade, honestidade, cortesia, esperteza, modéstia, solidariedade, cooperação, disciplina, perseverança, caridade.

Negativos: os valores negativos são: desobediência, orgulho, deslealdade, rebeldia, roubo, indolência, covardia, egoísmo, vaidade, avareza, perversidade, mentira raiva, indisciplina.

A escola também dissemina a ideologia utilizando-se da violência simbólica através da práxis educativa do professor que no contexto de uma escola reprodutora não se preocupa em adequar o currículo e o material didático à realidade do aluno, podendo apresentar gravuras de crianças bem-vestidas, belas e saudáveis, loiras e de olhos claros contrastando-as a

uma criança mal-vestida, desnutrida, sem jovialidade própria da sua idade, morena ou negra, de olhos escuros.

A preparação do professor é também um item de significativa importância na questão da violência simbólica, dada a sua formação, hoje, precária e muitas vezes responsável pela falta de reflexão sobre sua atividade pedagógica, a ponto de se tornar, muitas vezes em inocente reprodutor de valores que não pertencem nem a ele próprio nem aos alunos.

Quanto mais o professor tenta ser bom, mais reproduz, mais oprime, mais reprova, porque ele não tem uma cultura crítica. É alienação. Pôr quê? Porque ele pode ter aprendido na universidade que há um padrão médio, único e abstrato de comportamento e de desempenho.

É por isso que freqüentemente se ouve em salas de aula de professores expressões com o as seguintes:

- Pobre não tem jeito mesmo; te mesmo é que se lascar.
- Se eu venci, por que aquele aluno não se esforça?
- O ensino tem que ser pago, sempre paguei o meu.
- Quanto mais pobre, mais burro.
- Aluno pobre tem cabeça dura.
- Não dá para fazer nada, os alunos são tão fraquinhos...

Exista ainda uma série de situações que revelam o caráter de reprodução ideológica da escola. Em relação ao aluno a escola não respeita sua individualidade (cada um tem seu ritmo próprio, seu repertório lingüístico e cultural, percepção intelectual diferenciada, etc.), não parte do que a criança já sabe, apresenta um currículo único, como se todos fossem iguais, repete mecanicamente o que lhe é ensinado, submete o aluno à rotina, impossibilita o diálogo, o ensino é totalmente desligado da vida do aluno, não valoriza aquilo que a criança já sabe, não estimula o aluno a aprender e pensar por si próprio, não estimula o aluno a estruturar seu raciocínio e a formar seu próprio discurso sabendo se expressar.

Em relação à sociedade a escola ensina que a

colonização portuguesa foi um fracasso e que se fossem os holandeses, o Brasil seria hoje um país desenvolvido, ensina que o nosso atraso se deve ao negro ao índio, compara mecanicamente o Brasil com os EUA na formação da nacionalidade, ensina que o povo brasileiro é pacífico, ensina que o clima e a raça têm relação com a inteligência.

CONCLUSÃO

A escola como a agência ideológica utiliza-se de todos os elementos e instrumentos pedagógicos, de recursos didáticos, de métodos e técnicas de ensino-aprendizagem, da relação professor-aluno para transmitir e reproduzir de maneira dissimulada a cultura capitalista cujo intuito é de manter a ordem vigente e a submissão dos indivíduos à ideologia hegemônica perpetuando as profundas desigualdades sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. São Paulo : Moderna, 1989.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**: Nota sobre os aparelhos ideológicos. Trad. Walter José Evangelista. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ALTHUSSER, Louis. **Título sobre a reprodução**: Introdução de Jacques Bidet. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, 1999.

LIBÂNEO, José C.. **Democratização da escola pública**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

<http://www.orecado.cjb.net> – 11/10/03 – 17:30